

ciano Mártir. Ao chegarem da Bahia confusas notícias do levante sertanejo de Canudos, a que se atribuíam intenções de restabelecimento da monarquia, os ânimos se inflamaram, os republicanos viam traições por toda a parte.

A imprensa admitiu a hipótese de uma grande conjura monarquista, agindo nos sertões baianos, por intermédio dos fanáticos do Conselheiro. A *Gazeta de Notícias* clama contra “o monarquismo revolucionário”; O *País* afirma que “o partido monarquista tinha crescido à sombra das tolerâncias”; o *Estado de São Paulo* escreve que o caso é grave, “trata-se da Restauração; conspira-se”⁽¹⁸²⁾. Seu colaborador, Euclides da Cunha, acusa “A nossa Vendéia”, como se, outros *chouans*, os sertanejos ameaçassem o regime. O clima de exaltação republicana cresce: “Um circuito de espanto estarrece o país. Aos monarquistas! O grito repercute nas ruas cariocas com estrondo. Formam-se bandos. Com a cumplicidade da polícia, varejam-se jornais. A *Liberdade*, o *Apóstolo*, a *Gazeta da Tarde* são empastelados. Todo o material trazido à praça pública transforma-se em fogueira. O *Comércio de São Paulo*, de Eduardo Prado, tem sorte análoga, pois a notícia exalta também os paulistas”⁽¹⁸³⁾. Numa iniciativa pioneira, que anuncia novos métodos de imprensa, o *Estado de São Paulo* envia ao teatro dos acontecimentos um correspondente — correspondente de guerra, a rigor — que esclarecerá o problema. Euclides da Cunha acompanha a marcha das operações, com a expedição militar destinada a liquidar Canudos, tido como reduto monarquista. Repórter de talento, como o Kipling que acompanhou a expedição de Roberts contra os *boers*, no dizer de Agripino Grieco, Euclides envia telegramas e relatórios coloridos, que constituirão livro póstumo e servirão de rascunho para o monumental painel de *Os Sertões*⁽¹⁸⁴⁾.

(182) “O alarme é geral. O Chefe do Governo e o Partido Monarquista, que se reorganizara no ano anterior, são alvo das maiores injúrias, estigmatizados como *sebastianistas*, sócios e empreiteiros do místico de Canudos. Conhecido o malogro da terceira expedição, a anarquia atinge o ponto culminante. Nilo Peçanha, num *meeting*, imputa ao Presidente da República o erro de mancomunar-se com a caudilhagem monárquica”. Volta a falar da sacada de *O País*, de onde faz a apologia de Moreira César, “vítima do fanatismo aliado à politicagem de brasileiros desnaturados”. Alcindo Guimarães é aclamado pelo populacho em frente à redação da *República*; José do Patrocínio e Paula Ney incitam as massas das janelas da *Cidade do Rio*”. (Brígido Tinoco: *A Vida de Nilo Peçanha*, Rio, 1962, pág. 92).

(183) Elói Pontes: op. cit., pág. 146, II. No *Comércio de São Paulo*, Afonso Arinos publicara, em folhetins, o romance *Os Jagunços*, inspirado no caso de Canudos. O romance apareceria em livro, em 1898, grosso volume de 473 páginas, em tiragem de apenas cem exemplares. Arinos usava o pseudônimo de Olívio Barros.

(184) A correspondência enviada por Euclides desmente, desde logo, a idéia de conspiração monarquista em Canudos.